

Zygmunt Bauman: Reflexões sobre a Cultura do Narcisismo

Abram Eksterman

*“A propensão de tudo que é belo e perfeito á
decadência, , como sabemos, dá margem a
dois impulsos diferentes na mente. Um leva
ao penoso desalento, ao passo que o outro
conduz à rebelião contra o fato consumado”.*
Sigmund Freud- Sobre a Transitoriedade

*"Estou tão desgostoso que me sinto incapaz
de pensar. Refugiar-me nos
tempos antigos para não pensar no futuro.
Acho que a nossa vida já deu
o que tinha a dar; é coisa liquidada. -
Nada disso, argumentou a mãe,
sorrindo.-Não é não, pai. E isto é mais
uma das coisas de que uma
mulher tem a certeza. Já reparei nisso.
O homem vive como se recebesse golpes...
nasce uma criança e morre um
homem, e é como se fosse um golpe;
arranja uma terrinha; perde a terrinha,
e é outro golpe. Para a mulher tudo
corre sem parar, como um
rio cheio de redemoinhos e de cascatas,
mas correndo sem parar.
É assim que a mulher encara a vida.
A gente não morre, a gente continua...
muda, talvez, um pouco,
mas continua sempre firme."*
John Steinbeck- As Vinhas da Ira.

I - Ouvir Filosofia?

Sou de uma época em que a presente iniciativa da Sociedade não só seria muito criticada, mas provavelmente sequer seria cogitada para ser levada a cabo, uma vez que não se reconhecia valor em exposições filosóficas em nossas sessões científicas. Contudo, lembremos que muito cedo o próprio

Freud assistia cursos de Brentano e escrevia suas críticas a um amigo sobre seus acordos ou desacordos. Psicanálise é uma arte empírica, assim como o é a arte médica herdada de Hipócrates. Filosofar pode não contribuir muito para o fazer Psicanálise, mas contribui muito para o "pensar" do psicanalista, tanto quando esquadrinha seus achados clínicos, como quando tenta construir um modelo teórico para entender o paciente. Também frequentei os textos de filosofia muito cedo. Ajudou-me a arrumar meu armário de pensamentos e viver lendo. Filosofar é abrir a torneira de perguntas. Não acabam nunca e nos deixam perplexos e em dúvidas. Entendi a maiêutica de Sócrates na adolescência e não fiquei infeliz porque descobri quão pouco eu sabia. Afinal, tinha uma vida para obter respostas e uma biblioteca para pesquisá-las. Minha época, em que nossa Sociedade sofria de infecções políticas, foi-se. Com ela foram-se muitas convicções, inumeráveis certezas, sociais, políticas, científicas, e até psicanalíticas. Muitas regras morais tornaram-se obsoletas, assim como modismos e vocábulos. Quem pronuncia hoje, em seu falar corriqueiro, a palavra "outrossim". Falei em uma conferência a palavra "reposteiro" e ninguém entendeu. Tudo está mudando muito rápido e viajamos pelo tempo e pelos costumes num trem bala mal dando para ver a paisagem, muito menos os letreiros dos cartazes. Eis uma das expressões emblemáticas da exposição de Zygmunt Bauman: as múltiplas realidades "líquidas". Sete obras traduzidas em várias línguas, elas já no original em inglês, ostentam essa intrigante expressão metafórica: "Modernidade líquida"(2000), "Amor Líquido: Sobre a Fragilidade dos Laços Humanos" (2003), "Vida Líquida" (2005), "Medo Líquido" (2006), "Tempos Líquidos" (2006), "Arte, Líquida?" (2007), "44 Cartas do Mundo Líquido Moderno" (2011),

Uma realidade que nos escapa entre os dedos: nossos valores, relações, regras sociais, crenças, teorias, lideranças, políticas, vínculos humanos, amores. Tudo parece não ter consistência. Se Bauman tivesse estado de alguma forma vinculado ao famoso Instituto para Pesquisa Social (Institut für Sozialforschung) fundado por Felix Weil em 1923 como um anexo da Universidade de Frankfurt, talvez tivesse sido, dentro de sua vasta cultura e espírito de observação, influenciado pela Psicanálise, como o foram os eminentes pesquisadores que se associaram posteriormente a essa instituição que ficou conhecida como Escola de Frankfurt. Bauman não era exatamente um positivista, como se poderia esperar de alguém que fora durante a segunda guerra mundial, orientador político no Primeiro Exército Polonês fração do Exército Vermelho soviético e, durante o governo comunista da Polônia, ter trabalhado para a inteligência militar. Portanto impregnado pela ortodoxia marxista, embora posteriormente refez-se influenciado por Antonio Gramsci e Georg Simmel. Sem dúvida Bauman foi um arguto observador social e pode se livrar do peso de ortodoxias

filosóficas. Mas poderia ter se servido mais amplamente do pensar psicológico, sobretudo, psicanalítico para entender sua metáfora líquida. Creio que se o tivesse feito poderia com vantagem adotar a nomenclatura de Christopher Lasch, importante professor de História e crítico social da Universidade de Rochester, N.Y., que em 1979 publicou “Cultura do Narcisismo”, um dos mais contundentes textos críticos do consumismo social e que devastava (e devasta) os valores tão laboriosamente herdados do iluminismo, do positivismo, e sobretudo da revolução social e psicológica que liderou a cultura nos inícios do século XX e avançou para dentro da modernidade.

Que lições poderia a Psicanálise nos trazer para um mais amplo entendimento da convulsão social que sucedeu, do fim da Segunda Guerra Mundial até os dias atuais, e que promete um futuro de anos sombrios e incertos com frequentes caretas apocalípticas.

II - Filosofando sobre a Psicanálise.

Vamos começar respondendo sobre a contribuição da Psicanálise. Antes precisamos deixar claro o que é Psicanálise. Psicanálise é a Metafísica da Psicologia, assim como a Ontologia é a Metafísica da Óptica. A Óptica disserta sobre tudo o que podemos perceber em nosso mundo, inclusive nosso corpo. A Ontologia trata de estudar de onde e como tudo o que percebemos foi criado e tornou-se o que é. Psicologia descreve pensamentos, emoções, memórias, vontades. Psicanálise tenta pensar como tudo isso descrito pela Psicologia surgiu e veio a se tornar o que é. Freud chamou a Metafísica da Psicologia de Metapsicologia, cujo conteúdo tornou-se a base teórica para a prática terapêutica. Até hoje perdura a discussão se esses fundamentos são suficientes para garantir um selo científico e reconhecimento das entidades promotoras de saúde para esse tipo de prática terapêutica. Não vamos aqui solucionar tais dúvidas, mas aproveitar as reflexões metapsicológicas de Freud e de outros tantos que contribuíram para que o drama humano fique mais iluminado e compreensível e, com isso, mais acessível a intervenções terapêuticas. Inclusive para o nosso drama social. Mas antes de aplicarmos nossas especulações psicanalíticas sobre o drama social, vamos ver se podemos concordar com o que, em síntese, a Psicanálise contribuiu para esclarecer o drama psicológico.

Qual é o resultado prático da intervenção psicanalítica. Produzir consciência. Consciência caracteriza a natureza humana. Lineu classificou o homem, por essa característica, como "homo sapiens". E a religião cristã como o único ser que possui alma. Descartes, como o ser por excelência

que representa o "res cogitans". Freud foi além e percebeu que o ser humano não era e agia apenas movido pela razão. Na verdade, age sobretudo movido pela emoção (ou desejo) e, para ser mais racional, mais humano, precisa se tornar mais consciente. Para realizar essa façanha - tornar-se mais consciente - precisa, como na química, de um agente chamado catalisador. A função do psicanalista é ser na interação com o seu paciente um catalisador que acelera a produção de consciência. O resultado final é um sistema psíquico mais adequado para superar os desafios do desenvolvimento pessoal, suas crises, e dificuldades adaptativas circunstanciais. Aumenta a capacidade do que Freud chamou de "Ego" (das Ich), o que permite vencer ou superar o estresse natural ou excepcional da vida. Ego foi o termo proposto por Freud para designar a vida mental, na verdade a parte mais "operacional" da vida mental. Nunca ficou estabelecido o "quanto" de vida mental podemos designar como Ego. Nem sabemos até hoje o que é aquilo que costumamos chamar de "mente". Não sabemos se é uma coisa; se está em algum lugar; se ocupa espaço; se faz parte desse mundo para o qual nossos cinco sentidos absorvem senso-percepções e com elas informações sobre nós mesmos e sobre o mundo que nos cerca. Mas a mente é o que nos fornece pensamentos e reflexões e nos permite não só recriar o mundo que nos cerca, mas recriar a nós mesmos e viver em um grupo humano que chamamos sociedade. O que permitiu que a Vida, sob a forma de ser humano, tornar-se senhora de nosso planeta e dominar todas as demais formas de vida. Não está em pauta julgar se esse domínio terá um desfecho benéfico ou maléfico. Já sabemos, como acentuou Bertrand Russel logo após a Segunda Guerra Mundial, que nós, humanos, somos "terríveis, terríveis, terríveis". De certa maneira temos escrito a História recente de nosso planeta. Se de maneira correta ou não, a História futura o dirá. Por enquanto conseguimos escrever um dos mais tenebrosos e estúpidos capítulos de nosso planeta no último século. E ainda não sabemos se conseguiremos aprender a lição. Se Bauman nos deixa uma mensagem um tanto pessimista, corre, creio eu, por conta dessa constatação. Mas, argumenta, por outro lado, que nossa realidade despedaçada é consequência das transformações radicais que se estão processando em nossa intimidade psicológica e em nossa estrutura social.

O caráter metafísico da exposição teórica da Psicanálise produziu consequências bem semelhantes às consequências observadas em outras metafísicas que foram expostas ao longo dos registros na história da Humanidade. Aos esforços moralizadores e éticos originais resultaram religiões, apropriadas pelo poder temporal a serviço da hierarquização da sociedade, chegando em algumas a justificar a escravidão. A metafísica na filosofia clássica deu origem a exposições teológicas as mais variadas nas quais fomos apresentados à Eternidade. Todas as culturas criaram religiões

e expuseram o poder onipresente e onisciente de um deus e justificaram a esperança, aliviaram o temor à morte e mitigaram o sofrimento diante da desgraça. Apresentaram o alívio da fé e o conforto de um futuro melhor, bem melhor, que o presente. A metafísica na Psicanálise não ficou atrás. Desdobrou-se em inumeráveis seitas, deificando fundadores e camuflando seguidores abnegados em santos. Parece ser o destino das exposições metafísicas, atendendo às aspirações mais primitivas que exigem segurança, realização de desejos, satisfações e, sobretudo, vencer o maior de todos os desafios qual seja a mortalidade. Todos esses componentes ficaram claramente expostos por Freud em sua descrição de "processo primário de pensar" no capítulo VII, diríamos metafísico, da "Interpretação dos Sonhos", publicado em 1900. A importância desse capítulo está patente em sua persistência em se manter como uma cunha em qualquer exposição de Psicologia Geral Descritiva, e profundamente perturbadora em toda tentativa de compreender o drama humano. Achamos hoje, passados mais de um século, perfeitamente natural justificar certas condutas irracionais e desejos estúpidos como consequência direta desse caldeirão efervescente de desejos imperativos e primitivos que Freud designou como nosso Inconsciente. Mas o modelo de explicar nossa conduta através de uma simples trama causal esbarrou com os estudos aprofundados da teoria de sistemas. As explicações originais das curas de sintomas histéricos necessitaram revisões importantes diante das recidivas de sintomas e da evidente complexidade dos fatores causais que deveriam contribuir para explicar a patologia. Com muito pesar precisávamos abandonar o aforismo hipocrático de "aitia" (causa) e adotar a perspectiva recente de "sistema" para entender fenômenos humanos, onde a físico-química de Helmholtz, Dubois-Raymond e Brücke eram insuficientes para dar conta da complexidade do suceder humano, que se estende muito além do mundo chamado natural.

Assim pois podemos afirmar que em Psicanálise prática não existe cura. Existe transformação psíquica. A cura elimina a doença. A transformação psíquica "cura" o doente e será o doente que vai se reorganizar física, social e psíquica diante dos desafios circunstanciais da vida, desde suas ameaças biológicas, físicas e químicas, até seus vínculos emocionais e suas adaptações sociais. É na verdade uma "cura" (se é que podemos manter essa designação) sóciopsicossomática, na feliz expressão do psicanalista e professor de Psiquiatria da Rochester University, N.Y., George Liebman Engel O corpo se cura; a mente se transforma. Reorganiza-se em um sistema mais apto para lidar com os desafios adaptativos da vida. Eles foram muito bem expostos nos trabalhos psicossociais de Freud e exaustivamente estudados por seus colaboradores próximos e por seguidores de extraordinária cultura, como Alfred Adler que seguiu

caminhos heterodoxos, mas fundamentais para a sociologia e para a pedagogia. Da Escola de Frankfurt basta citar os trabalhos de Erich From e Herbert Marcuse. Uma notável plêiade de psicanalistas americanos dedicou-se a entender a estrutura social através da Psicanálise. Uma vertente que resolveu enveredar pelos caminhos do estudo social acabou se transformando em uma "nova" Psicanálise: a Psicanálise Cultural.

Em 2006 a Sociedade Psicanalítica de Praga organizou um Congresso para ter início em 5 de Maio, dia em que Freud foi comemorado em seu 150º Aniversário. Como é sabido o país de nascimento de Freud foi o Império Austro-Húngaro e sua cidade natal chamava-se na época Freiburg, na Morávia. Hoje a mesma cidade, que visitei junto com grande grupo de congressistas, chama-se P'ribor e fica na República Tcheca. Não poderia faltar e escrevi um trabalho e que por conta da nossa Sociedade de Psicanálise me tornar seu representante e o presidente da I.P.A., Cláudio Eizerik, brasileiro, delegar-me a missão de representá-lo no evento, meu trabalho tomou caráter importante. Chamei-o "Ten Psychoanalytical Mistakes in Freud's Theory". Aparentemente estaria criticando Freud na data de seu aniversário. Achei, no entanto, que esta seria a maior homenagem ao gênio. Garantir a ele que ele conta com continuadores e não apenas com seguidores. O trabalho foi muito bem recebido e, ficou marcada a expressão que usei na época: "mind is not in; mind is between" (a mente não está em; está entre). Assinalava então que para entendermos a vida mental precisamos partir de relações humanas e não da Neurociência. Neurociência é veículo; relação humana é a fonte da experiência mental. Assim amplio a ideia da Metapsicologia. Metapsicologia é sobretudo a teoria que expõe as vicissitudes dos vínculos humanos, principalmente os inconscientes. E é claro que o ambiente propiciador do estudo das manifestações metapsicológicas do paciente é o oferecido pelo "laboratório" da complexa relação analista-analisando (ou terapeuta-paciente), assim como dos recursos psicológicos para as adequadas transformações dos sistemas psíquicos. Ampliando a "consciência" do Ego.

Vale aqui destacar um equívoco frequente de muitos psicanalistas, ou mesmo psicoterapeutas, que afirmam não serem teóricos, mas clínicos. Devo dizer que essa afirmação é desprovida de sentido e não resiste a uma crítica mais atenta. Toda aproximação a um sistema humano exige uma prévia configuração teórica. Teoria em grego (theoria) significa "contemplar". É indispensável, antes de estabelecer convivência terapêutica, saber como entrar no espaço assistencial e isso se faz através de parâmetros teóricos, ou seja, capacidade de contemplar. Parâmetros teóricos representam a porta de entrada a esse espaço, sem o que não se

estabelece contato pessoal. O contato pode tornar-se invasivo e traumático ou mesmo iatrogênico, em que ambos, terapeuta e paciente podem ser prejudicados, além, como é óbvio, o próprio processo assistencial. Antes de penetrar em qualquer espaço humano deve-se pedir licença em voz alta e com educação. É um princípio ético que remonta aos textos bíblicos.

Algumas palavras sobre esse “laboratório” formado pelo terapeuta e paciente e que gerou outro notável estudo realizado pioneiramente por um psicanalista húngaro trabalhando e vivendo em Londres chamado Michael Balint (Mihály Maurice Bergmann). Conhecer esse laboratório permite saber como se recuperam e se produzem símbolos e como são reorganizadas estruturas mentais, assim como é assegurada consistência a essas estruturas através do tecido conjuntivos dos sentimentos. Que é o objetivo específico da intervenção psicanalítica. Balint utilizou seus estudos reunindo profissionais de saúde em um grupo de discussão da tarefa assistencial para discutirem suas experiências terapêuticas, sobretudo destacando a relação médico-paciente. Assim podia observar, coordenando o grupo, como operavam forças inconscientes tanto dos terapeutas quanto dos pacientes. E, desta forma, produzindo consciência nesses vetores inconscientes, ficava aberta a correção de seu destino irracional e iatrogênico. Essa prática ficou conhecida como “grupos Balint” e teve reconhecimento internacional. Tive o privilégio de organizar em 1963 o primeiro grupo dessa natureza em nosso país no Hospital Geral da Santa Casa do Rio de Janeiro, o que me permitiu, à margem, criar o primeiro currículo de educação médica de uma disciplina que designei “Psicologia Médica”, bem diferente do que já existia com esse título, porque se baseava exclusivamente no estudo clínico e prático da relação médico-paciente e cujo objetivo principal era a prevenção da iatropatogenia, muito mais frequente do que se imaginava.

Inspirado em Balint e estudando grupos, assim como casos individuais, pude observar essa reorganização, e mesmo criação, da sutil trama psicológica que Freud chamou de Ego e que permitiu, por seu turno, a Ernst Cassirer, o notável filósofo alemão neo-kantiano, autor do alentado “A Filosofia das Formas Simbólicas”, a tipificar o ser humano como “animal simbólico”. E assim posso justificar aqui porque percebo que a “mente não está em, mas entre”. A mente é um estado mais evoluído dos mecanismos de adaptação do ser humano. É o recurso que evoluiu a partir de seus mecanismo reativos cerebrais e que lhe permitiram, como em outros seres vivos e mamíferos superiores, organizar-se dentro do ambiente natural e grupal. Nesses vigoram, sobretudo, os caminhos desenhados por algoritmos cromosomiais, herdados de seus antecessores, e específicos da espécie. Diferentemente de todos os demais seres vivos, o ser humano criou

algorítimos que aprende e assimila, já nascido e fenotípicamente, durante sua convivência grupal, e que o torna capaz de gerar e se organizar, portanto, a cada geração (e até em cada momento de desafio crítico), e com características pessoais e individuais. Cada ser humano é uma "pessoa", única entre seus sete ou mais bilhões de semelhantes do planeta, individualizando desde sua íris, suas linhas em seus dedos, produzindo impressões únicas, e tendo estruturas de identificação dos outros e de seu ambiente natural, únicas, como nos ensinava o psicanalista, ex-presidente e co-fundador desta Sociedade, o professor Danilo Perestrello. Essa unicidade torna o ser humano um "existente" (e não apenas mais um entre muitos), o que levou Ludwig Binswanger a criar uma "Psicanálise Existencial", entendendo que o modelo de Freud servia apenas como base de aproximação ao qual os recursos terapêuticos teriam que necessariamente ser apreendidos no encontro entre pessoas e não apenas derivados daqueles sinais e sintomas que poderiam ser compreendidos imanentes no diagnóstico da "doença psíquica", como era preconizado há dois mil e quinhentos anos por Hipócrates. Do geral, do tipo, do diagnóstico, caminhou-se para o indivíduo, para a existência, para a pessoa. Não se criou uma nova Psicanálise, tão somente desenhou-se um novo destino mais justo e específico. Se Lineu revelou a espécie, a Psicanálise de Freud e de seus seguidores descobriu a unicidade do ser humano e de um novo humanismo. Certamente um catalisador poderoso que está desfazendo as concepções expostas para se criar uma Sociedade Justa, evoluindo para uma adequada Justiça ao ser humano individual, para a pessoa dentro da Sociedade, empurrando a Sociedade criada para o coletivo para uma concepção de um mundo social capaz de respeitar e acolher o ser único que é cada pessoa no mundo social. Creio que é essa transformação que Bauman percebeu e daí escrever sobre o estado líquido a que as esperanças e os cânones sociais criados a partir do iluminismo e anunciados com toda ênfase e pompa no século XIX em diante, estão sofrendo, e que está se derretendo diante de nossos olhos na atualidade. E criando uma crise social sem precedentes em todo planeta.

Daí decorrem as diferenças entre a prática psiquiátrica e a prática psicanalítica, ou a derivada daqueles que compreenderam o paciente como um ser único dentro de uma relação terapêutica única. O psiquiatra cuida e organiza a terapêutica dentro dos horizontes diagnósticos de uma doença; o psicanalista, ou por treinamento e aprendizagem ou por intuição (quando tem a sorte de ser abençoado por ela), organiza a terapêutica dentro da compreensão dos horizontes do ser, da pessoa que sofre, e não apenas dentro dos limites de uma patologia. O psiquiatra trata do "o quê"; o psicanalista trata do "em quem". Posso assegurar que é muito diferente o modelo de tratamento.

Alguns esclarecimentos sobre a "sutil trama psicológica que Freud chamou de Ego". Heinz Hartmann, o notável psicanalista vienense radicado em New York em 1941 e associado a Kris e Loewenstein fundou o que ficou conhecido como o estudo de Psicologia do Ego. Foi, na verdade, a ponte que faltava para a Psicanálise associar-se à Psicologia Geral e enriquecer os instrumentos necessários para se compreender a vida mental. É mencionado que o próprio Freud teria escrito um trabalho metapsicológico dedicado ao Consciente, função básica do Ego. Creio que Hartmann cumpriu brilhantemente esse objetivo, desde que não escorreguemos para a vala sedutora do sectarismo. Deixou-nos uma sintética definição do Ego: "O Ego é definido por suas funções". Continuamos sem saber o que é a mente, mas podemos saber como ela funciona. Assim, podemos começar a visualizar como se forma o símbolo, como ele se organiza, como ele se transforma, como gera conflito e patologia e como se reorganiza a partir do vínculo humano terapêutico, ou não. É necessário introduzir os ingredientes fornecidos pelas observações do desenvolvimento primitivo da Escola chamada Kleiniana, das teorias de conduta de apego estudadas por John Bowlby e seguidores, assim como a importância do apoio primitivo, o "holding" acentuado por Donald Winnicott, da mesma forma as exposições complexas dos destinos dos elementos psicanalíticos expostos por Wilfred Bion, esclarecendo as transformações pelas quais passam os elementos simbólicos do processo primário de pensar ao processo secundário, este responsável pela comunicação consciente, nas quais estão baseadas todas as teorias de comunicação humana consciente. Tudo amalgamado nesse catalisador fundamental preconizado por Balint, qual seja o vínculo emocional estabelecido pelo par comprometido no diálogo. Interessante essa palavra tão cara à filosofia grega clássica. Diálogo literalmente quer dizer "por intermédio da palavra". É justamente por intermédio da palavra que nos tornamos humanos. Palavra letra; palavra arte plástica; palavra música; palavra forma literária; palavra que nos torna história e nos faz atravessar o tempo e vencer a morte.

A questão aberta pela valorização da individualidade na sociedade atual remete-nos a duas incógnitas e a dois impasses: um questiona o quanto o indivíduo deve renunciar para organizar-se dentro do mundo: o segundo, o quanto a sociedade deve conceder às particularidades e idiossincrasias de cada indivíduo sem desintegrar-se no caos. Talvez esta seja a questão que jamais poderá encontrar soluções. Talvez seja ela o azorrague permanente que nos obrigará, enquanto indivíduos e entes sociais a manter aberto o diálogo com a criatividade. Sabemos que quanto maior esse diálogo, mais espiciçada fica a individualidade e mais reativa a estrutura social. Mas parece-me que será, como já o tem sido, o desafio mais presente na

polêmica dialética social. Em busca de um apaziguamento dessa polêmica e dos riscos de maiores lesões à individualidade, nada melhor que a esperança de uma frutífera e adequada aliança entre a Psicanálise e a Ciência Social.

III - A Solidão de Narciso

"Zur Einführung des Narzissmus" (Introdução ao Narcisismo) de Freud foi publicado em 1914. Na sequência da "Standard Edition" segue "A História da Movimento Psicanalítico" e fica logo antes dos artigos sobre Metapsicologia, os quais são introduzidos com um importante lembrete sobre o capítulo VII da "Interpretação dos Sonhos". que teria precedido toda metafísica freudiana. Poderia ter incluído esse estudo montado em cima do mito de Narciso nesse conjunto metapsicológico, mito que nos adverte sobre os excessos (ou "Hybris" em grego) como passíveis de punição pelos deuses. Assim também ocorre com o excesso de beleza. Lucius Apuleius, no segundo século da Era de Cristo, conta, através de uma velha, personagem do conto "O burro dourado", que esta ao consolar uma pobre e chorosa noiva sequestrada por bandidos a história da desditada Psyche e seu trágico casamento com o filho de Vênus, Cupido, segue o mesmo roteiro de Narciso. Excesso de beleza é passível de severa punição dos deuses. É a advertência dos estoicos em favor do comedimento. Já na época a civilização se corrompia com facilidade e, pelo visto, ainda está longe de ter se emendado.

Narciso é um jovem de rara beleza que, ao se contemplar, desdenha o amor de todos e se dedica a si mesmo. Segundo Freud, retrai a libido para sua própria imagem. Conta o mito que um soldado por ele se apaixona e se mata com a própria espada ao se perceber ignorado. Tal é o destino da ninfa Eco, cujo amor ignorado a torna repetidora das últimas palavras que são pronunciadas a seu lado, numa clara alusão à morte de sua identidade, desfeita pelo desprezo de seu amado. Michelangelo Merisi da Caravaggio. criou o maravilhoso quadro "Narciso contemplando-se nas águas de um lago" que nos expõe melhor a tragédia do infeliz. Seu rosto desenha mais o horror que o prazer ao contemplar beleza. O horror do vazio. Creio que ele não se viu e mergulhou para se achar e se afogou. Foi assim que entendi o quadro e para mim essa percepção fez todo sentido. Talvez eu tenha sido contaminado por um excesso hermenêutico, viciado há tantos anos, na arte de interpretar a intimidade dos acontecimentos, sobretudo os sonhos, os mitos e as fantasias. Vou lhes contar o que entendi e por onde andei nas minhas divagações metapsicológicas.

Minha experiência clínica como psicanalista ensinou-me ao longo dos anos que para se adquirir consciência através do diálogo terapêutico (objetivo maior da intervenção psicanalítica) é indispensável que o vínculo entre psicanalista e paciente tenha consistência emocional, propiciada esta pelo trânsito transferencial, o qual só ocorre numa plataforma vincular estável, o que em técnica psicanalítica costumávamos chamar de transferência positiva e que, sobretudo depois de Bowlby e seus estudos sobre conduta de apego, entendemos que estávamos dissertando sobre o que em etologia chamamos de "espaço de segurança". Ao que os estudos etológicos indicam, toda matéria viva constrói a sua volta condições de sobrevivência e conforto. Isso ocorre com os monocelulares assim como com os complexos e sofisticados mamíferos metazoários. Nossos irmãos humanos e pacientes não criam vínculos porque somos psicanalistas credenciados ou até famosos, mitificados pela mídia. Mas porque criamos com eles, pacientes, vínculos emocionais, falsos ou verdadeiros, míticos ou consistentes, não importa. É fundamental que eles sejam criados para abrir os poros da vida emocional e estabelecer o "milieu", no dizer de Paula Heimann, indispensáveis ao trânsito de conteúdos psíquicos íntimos. Sem o que não se realizam os processos transformadores da mente.

O primeiro processo transformador é a emergência da Consciência. Consciência é o saber-se existente em contato com outra existência. O Eu e o Tu tornam-se presenças vivas, aproveitando a feliz expressão de Martin Buber. Sem o Outro o Eu não existe, o que nos faz concluir que extinta a relação, deixamos de nos perceber, daí o vazio estampado na face de Narciso que buscou em vão a si próprio e se afogou. Além da libido, portanto, cujas vicissitudes Freud explorou prioritariamente, estava nos aguardando entender a Identidade, o "Self", e acima de tudo, o vínculo que dá sentido à Vida Humana. Afinal, continuamos falando no Amor. O amor abre as defesas que permitem estabelecer vínculo emocional e, em consequência, consciência. Sem amor, ao que tudo indica, o que temos de nós e de nosso mundo circundante (o *Umwelt de Jacob von Uexkühl*), é apenas uma precária consciência senso-perceptual, equivalente à consciência biológica, remotamente simbólica, de nossos primos mais chegados da família dos mamíferos. A meta da experiência humana é a consciência de si próprio e a consciência da existência de outros, indispensável para o desenvolvimento da experiência ética. E a Ética é indispensável para manter a segurança do vínculo, este mesmo dependente da estabilidade da relação, sem o que o organismo entra em alerta e gera ameaça e estresse. O "ser" humano depende desse trânsito intersubjetivo e do estabelecimento de um vínculo ético. O que podemos chamar de "humanização" e entender que Psicanálise é um instrumento dessa "humanização". Usando mais uma vez as expressões de Paula Heimann, o

"setting" psicanalítico que designa o ambiente, e o "milieu" que se refere ao vínculo terapêutico é um laboratório que facilita essa transformação de um espécime biológico em um espécime humano. Em sua exposição teórica, Freud parou no "homo"; faltou-lhe enveredar pelo "sapiens", o que tentaram fazer algumas "escolas psicanalíticas" mais comprometidos com o universo simbólico e social. Na verdade Freud só fez expor o "homo sapiens", mas teve dificuldades, ao compor teorias, de se desligar de seus mestres biólogos, sobretudo Brücke. Talvez não tenha conseguido completar sua autoanálise.

Vamos exemplificar com alguns flagrantes psicobiográficos de um paciente meu, que me permitiu, como nenhum outro, perscrutar a intimidade de alguém que vivia entre o biológico e o simbólico, e, meio a angústias representadas como dilacerantes, hesitava em como e onde repousar e, não chegando a uma conclusão, deitava-se com ambas condições.

Trata-se de um jovem, com uma longa história de convivência terapêutica com psicanalistas e mal pisava a terceira década de sua trajetória de vida. Era filho de pais armênios, emigrados há muito tempo, e embora cristãos, não praticavam qualquer culto, a não ser o de se adaptar à cultura brasileira, e viviam, conforme seu nível econômico, sempre perseguindo uma aparência social de burgueses de classe alta. Repeliam qualquer tipo de divagação metafísica ou mesmo reles conversa abstrata de caráter filosófico. Tinha uma irmã mais velha, casada e que vivia com o marido em outro país da América Latina. O casal não tinha filhos e quase nenhum contato com meu paciente. Educou-se em boas escolas, e formou-se em engenharia de produção. Sua grande queixa sempre foi a mesma. Sentia enorme dificuldade em estabelecer vínculo afetivo. Sentia-se anestesiado para a convivência e, embora pudesse mimetizar comportamento emocional, na verdade, pouco lhe importava a vida dos outros. Atitude que se agravou com o seu desenvolvimento, inclusive na relação consigo próprio. Dizia em mímica do nojo de não se sentir. Suas primeiras palavras, ao se identificar: "Sou um bosta". E para enfatizar o dito tirou o relógio do pulso e o atirou violentamente contra a parede. Era um relógio de marca, presente do pai. Não destruiu o relógio e não se desfez em bosta.

Sua prática de vida era pobre, dentro dos padrões de sua convivência social - que também era pobre. Uma namorada vegana, aérea, sem profissão definida e com vida incerta e que lhe causava ligeiro interesse e pouco apego. Foi-se pelo mundo e não foi substituída. Queixava-se que ninguém o procurava, que vivia só, embora desejasse o corpo de uma mulher. Não parecia desejar nada mais da mulher. Isso não quer dizer que a descrevesse como um objeto. Suas descrições eram pejadas de paradoxos; Satisfazia-se

com masturbações e fantasias. Jamais expos a natureza das fantasias, mesmo perguntado. Não lia livros, aparentemente não se interessava por cultura nem pelo exercício da profissão. Estava desempregado, vivia das rendas da família, aparentemente não se interessava por itens cosméticos do cotidiano, embora sempre comparecia bem posto e vestido de forma apropriada. Nenhum desleixo; nem com os cabelos, nem com a roupa, nem com os calçados. Falava mal de si mesmo e não raro batia no próprio rosto e dava socos no corpo. Não parecia se machucar, mas mostrava um rosto crispado e de ódio. Eu mesmo oscilava entre um diagnóstico de comportamento histérico ou psicótico. Ou ambos, emergindo de uma área indiferenciada da vida mental. Parecia alheio ao seu comportamento violento e algumas vezes me surpreendi pensando que ele não estaria tentando sentir o que vivia como uma vida anestesiada. Sua indiferença aparente pela vida preocupou-me pelo risco de suicídio e durante algum tempo mediquei-o com venlafaxina, em dose diária média. Teve alguma influência em suas queixas de aniquilamento e de autodepreciação extrema. Algumas vezes pensava nos sentimentos de ruína e de fim de mundo tão bem descritos por Karl Jaspers como sintomas processuais. Prolongava o tempo de sessões, alongando a despedida com perguntas de última hora e comportamentos e gestos obsessivos. Telefonava muito; abominava depender de mim e me enchia de queixas, além de mostrar, repetidamente minha incompetência em cada início de sessão, acentuando mais a incapacidade de suportar separações que lembravam a "tenacidade" do vínculo transferencial tão bem acentuado por Wilfred Bion. Sem dúvida estava diante de uma alma regredida, fundida em seus objetos primitivos, esquizoides e persecutórios, criando-lhe angústias insuportáveis e projetadas nas sessões sobre mim, o que se atenuava com o decorrer de nosso diálogo e alguns minutos antes de terminar algumas sessões prorrompia em lágrimas e com dificuldades em se despedir. Nitidamente, revelava-se uma personalidade gravemente esquizoide, com angústias de aniquilamento, muito regredido, com grandes áreas psíquicas indiferenciadas reveladas em suas indefinições, embotamento na identidade sexual, embotamento em fixar destinos de vida, e mesmo de tarefas avulsas, quando se perdia em divagações. Mesmo assim, externamente, apenas demonstrava inibições tomadas como timidez e falta de escolhas em seus destinos sociais. Nada que não pudesse ser resolvido com um bom trabalho, com uma namorada e frequência em grupo de jovens. Segundo a opinião dos pais.

Ao longo dos meses, atravessando alguns anos, empregou-se dentro de suas habilitações, com o ganho deixou de depender dos pais para o dispêndio com a análise, interessou-se por leituras e por temas psicológicos, alguns espirituais, um ou outro encontro com moças e algumas relações sexuais

esparsas, viagens, outros empregos, algumas amizades, cursos, aprendizagens, pós-graduação, alguns poucos apaixonamentos, e nenhum reconhecimento ao trabalho psicanalítico. Tinha razão. Continuava sofrendo de insensibilidade afetiva, a qual, a custa de muito trabalho interpretativo e cognitivo, começou a clarear seu embotamento para a vida afetiva. Mas cobrava os anos que passara incapacitado. Lembrei-me de Júlio de Mello Filho com seu primeiro trabalho psicanalítico exposto na I Jornada de Psicanálise em São Paulo: "A angústia do tempo perdido". Por que não fizera antes o que conseguia agora? Por que os anos de sofrimento? E me acusava de incompetente. (Certamente para não se acusar e desfazer seu mito arrogante de grande poderio, que há muito tempo, já deveria ter percebido suas deficiências e as curado, sobretudo com minha extraordinária sabedoria, igual a dele.). E pudemos encetar um sofrido período de redução à realidade, magnificada por suas fantasias onipotentes. Talvez o período mais difícil da assimilação de seus próprios limites. E que gera o maior sofrimento e impacto diante dos limites da vida e da inevitabilidade da morte. Sobretudo da impermanência de tudo. Do fluir líquido das posses, dos poderes, das fantasias, dos mitos, das esperanças, das crenças, especialmente dos ambientes protetores infantis que se desfazem diante dos desafios do cotidiano.

IV - Zygmunt Bauman: Reflexões sobre a Cultura do Narcisismo

Em 1979 Christopher Lasch, renomado professor de História e Sociologia da Rochester University do estado de Nova York, publica o livro "Cultura do Narcisismo", uma minuciosa análise da crise cultural pela qual passava a Humanidade, sobretudo a ocidental, em decorrência das profundas transformações pela quais nosso contexto social, econômico, político e psicológico estava passando. Em 1968, em plena ebulição dos protestos estudantis, pus-me a dar tratos a bola sobre o que estavam pleiteando os estudantes de Paris, de Berkeley, do Brasil, e de dezenas de outros núcleos civilizados. Não cheguei a nenhuma conclusão. Mas resolvi ficar atento.

O desfecho desse grande protesto coletivo deu aparentemente em nada. O próprio Daniel Cohn-Bendit, líder na Alemanha e França desse protesto, tornou-se, conforme li na mídia, um próspero agente do mercado financeiro, além de continuar um político do partido verde e ser eleito para o parlamento europeu. Mas, a revolução de 1968 indicava algo maior, algo que iria devastar os pilares da estrutura social do mundo. Eis o que pensei e resolvi chamar, a meu jeito, de "O ocaso da civilização totêmica", ou mais modestamente, "a dissolução dos estratos

hierárquicos". É interessante lembrar que entre 1969 e 1973, como educador, Cohn-Bendit trabalhou em uma creche "antiautoritária". Em 1966, Bauman publicava em polonês " *Kultura i społeczeństwo. Preliminaria* "(Preliminares sobre Cultura e Sociedade). Enquanto isso, em 1968, Bauman deixava de lecionar na Universidade de Varsóvia, para onde foi admitido em 1954 como professor assistente. Em 1953 foi excluído de maneira desonrosa de seu posto de major do "Corpo de Segurança Interna" da Polónia, uma unidade militar formada na época do regime stalinista, a KBW, sob a alegação que seu pai havia se aproximado da embaixada de Israel. Os comunistas poloneses que eu conheci pessoalmente adotaram a ideologia com esperanças humanistas. Acho que assim foi com Bauman, estimulado pelas decepções com as burocracias do Partido acrescidas da influência mais recente dos escritos de Antonio Gramsci e Georg Simmel. Dentro de minhas fantasias psicanalíticas não descarto a influência de Janine Bauman, esposa que conheceu em um campo de refugiados. E assim se escoava entre os dedos de Bauman seu entusiasmo pela ortodoxia marxista, com suas promessas humanistas, com a prometida sociedade justa, tudo empurrado pela realidade de regimes tirânicos da época, mesmo marxistas, que mataram mais que a própria Segunda Guerra Mundial.

Algumas palavras mais sobre o progressivo colapso da hierarquia e sua relação com a "Cultura do Narcisismo".

Sem dúvida, o mundo que eu conheci na infância é, hoje, outro. Mulheres ocuparam o espaço social ombreando com homens e disputando com eles os privilégios da independência econômica proporcionada pelo dinheiro. Hoje, casais, fazem contas de como dividir despesas domésticas e mulheres reivindicam aos companheiros ou maridos ajuda nos cuidados às crianças e na administração doméstica. Muitos homens são, hoje, melhores no fogão que a mulher (e não se envergonham disso e, não raro, ao invés de discutir qualidade de charutos nas rodinhas machistas, introduzem nelas discussões bem masculinas sobre suas habilidades culinárias. Crianças não são mais só aquelas adoráveis coisinhas fofas e bochechudas. São nos dias atuais cheias de direitos e prescrições psicológicas e as escolas elementares (hoje já é referido o "jardim de infância como "colégio") não valorizam tanto disciplina (sobretudo obediência) mas capacidade de se ligar ao concreto e aos objetivos do que é considerada a vida.

Pobre, como ícone social, não é mais necessariamente o infeliz, desgraçado, desprovido de direitos e que deverá morrer um pária. O "Bontscha" anônimo de I.L.Peretz, assim como o "vagabundo" de Carlitos viraram personagens do folclore. É um cidadão que reivindica direitos. que resolveu, aqui e ali, lutar por seu lugar no mundo, assistir seus programas de televisão e que também quer sua casa, carro e economizar (ninguém sabe como), e por que não, fazer alguma viagem de recreio pelo exterior. O mundo mudou e a estrutura social tende a ser muito diferente. E estamos em crise de transformação, diz Bauman. E o mundo sólido do início do século derreteu e está se acabando. Estamos em um novo espaço social onde as hierarquias se amalgamam e formam um espaço social desconhecido. Crianças diferentes, mulheres mandando em homens, pobres dividindo espaço em aeronaves, graças a sistemas de crédito, cujas malhas creditícias acumulam bilhões de moedas que fazem a felicidade de banqueiros sorridentes com sua arte de abrir novas malhas e ouvir o tilintar dos novos altares de adoração. Os nossos padrões burgueses se liquefizeram e não sabemos mais qual é a ética vigente. Tudo muito misturado, com o ontem (e mesmo anteontem) se infiltrando no hoje e até no amanhã; o amanhã espantando o hoje e o futuro fazendo-nos sonhar e esquecer os desafios de hoje. Daniel Cohn-Bendit liderou uma revolução cujas entranhas revelaram um novo presente que está desfazendo a segurança tradicional e reduzindo a pó nossos ícones mais sagrados. E não temos a menor ideia de como será o amanhã. Talvez por isso queiramos tudo "agora", porque não sabemos sequer se teremos amanhã. E o psicanalista tem saudade dos "históricos" (e históricas) dos tempos clássicos, (que até já deixou seu lugar de honra na classificação dos distúrbios neuróticos), porque ainda não aprendeu o que fazer com os "narcisistas" atuais. E o que são os narcisistas atuais?

É bastante comum citar-se Lasch ao examinarmos as inspiradas assertivas de Bauman. Não encontrei, no entanto, que Bauman citasse o historiador e crítico social americano. Não importa. O que interessa é que ambos examinaram a evolução da crise social do pós Segunda Guerra Mundial, que se continuou em guerras menores na Coréia, Ásia Menor, no Sudeste Asiático, nos Bálcãs, na Geórgia, na Chechena, na Ucrânia, em quase todo território africano, no Timor, que deflagrou regimes totalitários em praticamente toda América Latina dentro de um terror social inimaginável em países medianamente civilizados, além de criar um novo tipo de conflito ainda mais estúpido (porque sem objetivo) que é o terrorismo. Não sei se o número de mortos, nesses episódios estúpidos locais,

ultrapassou os da Segunda Guerra, mas deixou lesões mais profundas na esperança de que a Humanidade pudesse gerar algum tipo de sociedade justa, ou, pelo menos, pudéssemos encontrar aquela paz a que foi incumbida de estabelecer a ONU, criada em 24 de outubro de 1945 e hoje com 193 estados membros. Lasch e Bauman, embora não se tenham conhecido, certamente estão muito próximos em suas denúncias e contribuições sociais. Ambos denunciam a condição de quase "zumbi" a que foi reduzida a massa de consumidores de inutilidades da sociedade moderna, desde informações até pseudo necessidades de consumo. Rendendo homenagens a Pluto (o deus do dinheiro) e aturdido por milhões de mensagens aparentemente informativas vazias de conhecimento. O assim aturdido não tem tempo para pensar. E sem pensar, não aprende a se relacionar. E sem se relacionar, perde poder consciente. E sem consciência perde-se na massa humana. É hoje membro anônimo de uma comunidade estatística.

Contudo não é tão simples estabelecer como causa de nossa desgraça, nesse final de História, que o culpado é a Sociedade. Nós a criamos. Mas também não podemos nos atribuir culpa. Acabamos agentes tangidos por forças desconhecidas, mas, ao mesmo tempo, ainda com poderes sobre os acontecimentos. Nisso reside o valor desses dois notáveis estudiosos da natureza social do ser humano. A denúncia deles nos ajuda a resgatar nossa capacidade embotada de pensar, e confiar que a Esperança afinal ficou mesmo na caixa de Pandora. Os grandes pensadores sociais do século XIX incorreram nessa ilusão de que poderíamos corrigir os males sociais apenas modificando os pilares nos quais ela se sustenta. Bem positivista. Bem dentro do contexto científico da época, que também inspirou Freud em sua Metapsicologia. Assim também dissertou Bauman. Lasch já se havia inspirado na Escola de Frankfurt e tomado como referência a Psicanálise. Podia incluir a autoria humana, além da social. e aproveitou o conceito de Narcisismo. E o fez! Por isso amalgamar Lasch e Bauman pode nos ser útil. Vejamos:

Costumamos confundir Narcisismo com o ato de se contemplar. Esse é apenas o primeiro degrau de nossa própria capacidade de contemplação (lembremos: fazer "Theoria (gr)" é contemplar). Ao contemplar estamos nos relacionando com o objeto da contemplação. Ficar absortos em si mesmo. A esse lugar nos refugiamos quando percebemos ameaças ao nosso espaço de segurança, esteja ele representado por seres vinculados a nós, por nossos símbolos identificatórios, por nossas posses, por nosso

território, enfim, por tudo isso, ou o que nos define, parcial ou totalmente. Narcisista não é mais aquele que se ama, mas aquele que não consegue amar. Não é um vaidoso, porque o vaidoso deseja um parceiro ou parceira; é um que está divorciado dos sentimentos do mundo e se retrai para dentro de si mesmo. Armadilha que o destrói, porque não existe o "dentro de si mesmo" sem a concomitante relação com alguém, ou algo que tenha sido antropomorfizado. Bryce-Boyer, eminente psicanalista californiano, dedicou-se a estudar estados regressivos, e talvez tenha se tornado um dos maiores psicanalistas conhecedores desses estados, incluía o narcisista em um estado grave de regressão. Otto Kernberg dedicou-se à clínica desses estados e seus estudos tornaram-se paradigmáticos. Peter Giovachinni descreveu estados psíquicos de "blank self" - buracos assimbólicos na mente, dando conta da autofagia da consciência nesses estados limites de dissolução da consciência. Narcisismo é um estado grave de incapacidade mental de conectar-se com o próximo, resultante da retração dos interesses pelas coisas da vida diante dos desafios do trauma e do cotidiano insuportável.

Continuando a escalada dessa sequência da relação com o próximo. Adquirimos consciência e começamos a conjecturar sobre o que estamos fazendo aí. E assim sobre o porque o objeto nos atraiu. E, assim, até o infinito. Diz o "Chandogya Upanishad", um dos mais inspirados textos filosóficos da Vedanta, que contém o diálogo entre o mestre Uddalaka Aruni e seu discípulo e filho Svetaketu (Chandogya, VI Prapâthaka, 1-16). Nesse infinito o mestre informa ao discípulo que tudo, no final, se resume em "Tat, tvam, asi", ou seja, além da vida, além da morte, tudo é o Ser. Por enquanto, contudo, estamos aqui. E aqui? Poderíamos dizer, aprendendo com esse seres que nos abrem os olhos para ver nossa intimidade e a intimidade das coisas humanas: Tudo é relação. Não somos apenas agentes de procriação como acentuou Arthur Schopenhauer em sua "Filosofia do Amor". Acho que teria sido melhor dizer: Agentes do Amor. Pode parecer piegas, mas no final, nosso primado é em direção ao Amor. À relação com o próximo, ao nosso objeto de desejo, ao nosso corpo, às nossas posses, à nossa família, ao nosso clube, ao nosso território, ao nosso país, à nossa Humanidade, à nossa Existência. Não exatamente como sublimação do "Lust", desejo sexual, mas como "Liebe", Amor. Não sei exatamente quando viveu Paulo de Tarso. Seu nome original em hebraico era Saul e tinha cidadania romana e vivia perseguindo cristãos para prendê-los. Teve uma visão e converteu-se ao cristianismo, e conviveu com os primeiros evangelistas, e se tornou o pai

de uma nova Igreja. Suas cartas fazem parte do Novo Testamento. A primeira dirigida aos fiéis de Corinto termina de uma forma que comoveu a Humanidade. Foi convertido por uma dessas grandes Luzes que como marcos da História, mítica ou real, reacendem a Esperança.

Paulo termina sua epístola aos coríntios anunciando: "Mas se não tiverdes Amor, não tendes nada". O narcisista perdeu o amor; resta-nos reencontrá-lo.

V - Referências

APULEIUS, Lucius - *The Golden Ass* - Translation William Adlington,,
Divulgado pela Internet, Kindle, Amazon.

BION, W.R. - *Transformations - Change from Learning to Growth*. William Heinemann-Medical Books Lt., London, 1965.

_____. - *Elements of Psycho-Analysis*, William Heinemann-Medical Books Lt, London, 1963.

BALINT ,Michael et al.- *A Study of Doctors- Mutual Selection and the Evaluation of Results of Training Programme for Family Doctors*. London: Tavistock Publications Limited. 1966.

BALINT,Michael et al. - *Treatment or Diagnosis- A study of repeat prescriptions in General Practice*. London: Tavistock Publications Limited. 1970.

BALINT, Michael - *O Médico, Seu Paciente e a Doença*. Editora Atheneu, Rio de Janeiro, 1988. Tradução do inglês.

BAUMAN, ZYGMUNT, *Modernidade Líquida (Liquid Modernity)* Cambridge: Traduzido por Plínio Dentzien. Jorge Zahar Editor, 2000

_____ (com Keith Tester): *Conversations with Zygmunt Bauman*. Cambridge, 2001:.

_____ *Society Under Siege*. Cambridge: 2002:

_____ *Amor Líquido: Sobre a Fragilidade dos Laços Humanos (Liquid Love: On the Frailty of Human Bonds)*. Cambridge: Traduzido por Carlos Alberto Medeiros. Jorge Zahar Editor 2002

_____ *Vidas Desperdiçadas (Wasted Lives. Modernity and its Outcasts)*. Cambridge: Traduzido por Carlos Alberto Medeiros. Jorge Zahar Editor 2004:

_____ *Vida Líquida (Liquid Life)*. Cambridge: Traduzido por Carlos Alberto Medeiros. Jorge Zahar Editor 2005

_____ *Medo líquido (Liquid Fear)*. Cambridge: Traduzido por Carlos Alberto Medeiros. Jorge Zahar Editor 2006:

_____ *Tempos líquidos (Liquid Times: Living in an Age of Uncertainty)*. Cambridge: Traduzido por Carlos Alberto Medeiros. Jorge Zahar Editor 2006:

BINSWANGER, Ludwig - *Artículos y Conferencias Escogidas*. Editorial Gredos, Madrid, 1973. Tradução do alemã

BOWLBY, J. *El Vínculo Afectivo*, Trad. Esp., Ed. Paidós, Bs Aires, 1976; do Ingl. *Attachment*, Hogarth Press, London. BUBER, Martin. - *Eu e tu*. Introdução e tradução de Newton Aquiles Von Zuben. São Paulo: Cortez & Moraes Ltda. 1974.

BRYCE-BOYER. L. (1983) - *The Regressed Patient*. New York: Jason Aronson

BUBER, Martin. - (1923) *Eu e tu*. Introdução e tradução de Newton Aquiles Von Zuben. São Paulo: Cortez & Moraes Ltda. 1974.

CASSIRER, E. (1944) - *Antropologia Filosófica*, (trad. do inglês: *Essay on Man*) Ed. Mestre Jou, São Paulo, 1972.

CASSIRER, E. (1923), Claus Rosenkranz, and Julia Clemens. *Philosophie der symbolischen Formen: Dritter Teil: Phänomenologie der Erkenntnis*. Vol. 3. Meiner Verlag, 2010.

DAMASIO, A. *The Feeling of What Happens: Body and Emotion in the Making of Consciousness*, Harvest Books, New York, 2000.

ELLENBERGER, H. (1970) - *El Descubrimiento del Inconsciente*, (trad. do inglês) Editorial Gredos, Madrid, 1976.

DRUCKER, Peter - *The New Realities: in Government and Politics, in Economics and Business, in Society and World View*, N.Y., Harper & Row. 1989.

EKSTERMAN, Abram - “A Metapsicologia de Freud” in: *Freud, S. - Neuroses de Transferência: Uma síntese*, Tradução do alemão de Abram Eksterman. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1985.

_____ (1986) – “Lacunas Cognitivas no Processo Psicanalítico” – Boletim da S.B.P.R.J., n.6.

_____ (1986) – “Comentários sobre a Estrutura e a Transformação de uma Sociedade de Psicanálise” - Boletim da S.B.P.R.J., n.

“Os três eixos teóricos do pensamento clínico de Freud”. In: *A Presença de Freud*. Rio de Janeiro :Editora Imago,1989.

_____, & al.- “Psicanálise e Literatura”. In: *Freud: A interpretação*. Rio de Janeiro: Editora Tempo Brasileiro, 1990. p.11-13.

_____. “Psicanálise, Cultura e Civilização”, In: *Freud: A interpretação*. Rio de Janeiro: Editora Tempo Brasileiro, 1990. p.15-30.

_____. “Medicina Psicossomática no Brasil”. In: *Psicossomática Hoje*, Júlio de Mello et al. Porto Alegre: Editora Artes Médicas. 1992. p.28 – 33.

_____. “Psicossomática: o diálogo entre a Psicanálise e a Medicina”. In: *Psicossomática Hoje*, Júlio de Mello et al. Porto Alegre :Editora Artes Médicas, 1992 .p.77 a 85

_____. “Doutrina e crítica a Metapsicologia”. In: *FÓRUM DE PSICANÁLISE, SOCIEDADE BRASILEIRA DE PSICANÁLISE DE SÃO PAULO*. Rio de Janeiro: Editora 34. 1995.

_____. “A Educação Médica entre o Tecnicismo e o Humanismo”. In: *CONFERÊNCIA INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO MEDICA, publicação da ACADEMIA NACIONAL DE MEDICINA*, Rio de Janeiro. 315-324, 2000.

_____. “Ten Psychoanalytical Mistakes in Freud’s Theory”, Congresso comemorativo do sequecentenário de Freud, Praga, Rep.Tcheca 2006.

_____. “Manejo dos distúrbios Apáticos do Vínculo Transferencial”, Comunicação à mesa redonda sobre o tema “Analisando formas de vitalidade e desvitalização da transferência-contratransferência” do Congresso Brasileiro

_____. - *Interlúdios em Veneza: Os Diálogos quase impossíveis entre Freud e Thomas Mann*, Rubio Ed., Rio de Janeiro, 2010.

ENGEL, George L. *Psychological Developments in Health and Disease* –, Saunders, N.Y. 1962

FREUD, A. (1930) - *The Ego and the Mechanisms of Defense*, Int. Univ. Press, N.Y., 1936.

FREUD, S – *Studienausgabe* – Ilse Grubrich Simitis, Fischer Taschenbuch Verlag, Frankfurt am Main, 1982.

FREUD, S. - *The Standard Edition of The Complete Psychological Works of Sigmund Freud*. The Hogarth Press Lt., London, 1964

FROMM, Erich – *The Art of Loving*, Harper & Row, N.Y, 1956.

GIOVACHINNI, P.L. - *Tactics and Techniques in Psychoanalytic Therapy*, London, Hogarth Press, 1973.

GREEN, A - *Key Ideas for Contemporary Psychoanalysis* – trad.ingl. de Andrew Weller, Rutledge, N.Y.,2005

HALE, Nathan G., Jr. (1971). *Freud and the Americans: The beginnings of psychoanalysis in the United States, 1876-1917*. New York: Oxford University Press

HARTMAN, H. *Essays on ego psychology*. New York: International Universities Press, 1964.

HOBSON, A. “Psychoanalysis on the Couch”. In: *Medical and Health Annual 1987*. Chicago: Encyclopaedia Britannica, Inc, 1987.

JONES, E. (1957) - *Vida y Obra de Sigmund Freud*, Vols. I, II, III. (trad. Do inglês) Editorial Nova, Buenos Aires, 1959.

KLAUBER, J. *Dificultades en el Encuentro Analítico*, (trad. do inglês), Paidós,

ENTRALGO, Pedro Laín - *Antropología Médica para Clínicos*. Salvat Editores, Barcelona, 1984.

KERNBERG, O.F. (1975). *Borderline conditions and pathological narcissism..* New York: Aronson

LASCH, Christopher, (1979). *Culture of Narcisism* - WWNorton, N.Y. London.

_____ (1984). *The Minimal Self* - WWNorton, N.Y.London.

LEVI, Lennart (Ed.) – *Society, Stress and Disease*, vol.I ; Oxford Un.Press, N.Y. 1971.

MARCUSE, Herbert(1955) – *Eros and Civilization: A Philosophical Inquiry into Freud* – Vintage Books, N.Y., 1974

PERESTRELLO,D. (1974) *A Medicina da Pessoa*. Rio de Janeiro: Editora Atheneu, 5ª Edição , 2005

_____. “Se Freud estivesse vivo”. In: *Trabalhos Escolhidos*, Atheneu, Rio de Janeiro, 1987

_____. “Sigmund Freud médico”. In: *Trabalhos Escolhidos*, Atheneu, Rio de Janeiro, 1987.

POPPER, K.R. – (1959) – *La Lógica de la Investigación Científica*, Ed. Technos, Madrid, 1973

POPPER, K.R. & ECCLES, J.C. (1977) – *The Self and Its Brain* - Rutledge & Kegan Paul, 1983

RICOEUR, P. (1965) - *Freud: una Interpretación de la Cultura*. (trad. do francês) Mexico: Siglo Veintiuno ed., , 2ª edición. 1973.

STAROBINSKI, Jan – Introdução ao XXVII Encontro Internacional de Genebra sob o tema “Former l’Homme”, pg. II. Éd. De la Baconnière, Neuchâtel, Suíça, 1979

WINNICOTT, D.W. *Collected Papers - Through paediatrics to psychoanalysis*. London: Tavistock Publications. 1958.

ZYLBOORG, G. (1941) – *A History of Medical Psychology* – W.W. Norton Inc., N.Y. 1969.

ABRAM EKSTERMAN

Médico, Psicanalista

Professor de Psicologia Médica e Antropologia Médica

Fundador e ex-presidente da Associação Brasileira de Medicina Psicossomática

Diretor do Centro de Medicina Psicossomática e de Psicologia Médica do

Hospital Geral da Santa Casa da Misericórdia do Rio de Janeiro.

Membro Honorário Nacional da Academia Nacional de Medicina

medicinapsicossomatica.com.br

eksterman@gmail.com

